



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

UMO INDJAI

**CASAMENTO TRADICIONAL COMO PROCESSO CULTURAL:
O CASO DA BANGA-ONFU DA ETNIA MANSOANCA NA GUINÉ-BISSAU**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

UMO INDJAI

**CASAMENTO TRADICIONAL COMO PROCESSO CULTURAL:
O CASO DA BANGA-ONFU DA ETNIA MANSOANCA NA GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

UMO INDJAI

CASAMENTO TRADICIONAL COMO PROCESSO CULTURAL: O CASO DA BANGA-ONFU DA ETNIA MANSOANCA NA GUINÉ-BISSAU

Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Trabalho aprovado em 3 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade (UNILAB)
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Cristine Santos Souza (UNILAB)
Examinadora

Prof.^a Dr.^a Cristina Mandau Ocuni Cá (UNILA)
Examinadora

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	OBJETIVOS	7
2.1	GERAL	7
2.2	ESPECÍFICOS	8
3	PROBLEMA DA PESQUISA	8
4	JUSTIFICATIVA	9
5	HIPÓTESES	11
6	REFERENCIAL TEÓRICO	11
7	METODOLOGIA	14
8	CRONOGRAMA DE TRABALHO	16
	REFERÊNCIAS	17

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito de pesquisar, casamento tradicional como processo cultural: o caso da *Banga Onfu etnia Mansoanca* na Guiné-Bissau, objetiva-se em analisar os processos ritualísticos culturais do casamento na comunidade Mansoanca. O valor e a grande importância do casamento é o amor, é um dia que poderia ser apenas mais um dia comum, mas que foi escolhido para que todos se focassem em um único propósito, que é fornecer a união entre duas pessoas, que irão crescer e se ajudar pelo resto de suas vidas.

Na Guiné-Bissau, o casamento é manifestado de múltiplas formas conforme cada etnia, religião, cultura e costumes de um povo. Na comunidade Mansoanca, quando uma menina vai chegando a idade adulta, a mãe começa a preparar para o casamento da filha, comprando trajes, objetos domésticos entre outros, sem falar para filha. O casamento do povo Mansoanca maioria é arranjado, pois a menina não tem a liberdade de expressar os seus sentimentos se quer casar ou não, também muita das vezes, nem o rapaz e nem a menina se conhecem, existem alguns casamentos que são feitos porque os noivos querem, tem alguns que são feitos por obrigação no caso de a menina ficar grávida antes do casamento. Neste sentido, Garrafão (2018), acrescenta que:

De uma maneira geral, a verdade é que algumas mulheres fogem antes ou depois do casamento. Das que fogem, umas conseguem dar continuidade aos seus estudos e outros projetos de vida. Entretanto, uma vez na escola, há aquelas que acabam ficando grávidas precocemente, seja com colegas da escola ou não. Das que não fogem, umas casam devidamente e preferem acreditar que com o tempo vão aprendendo a amar o marido arranjado (GARRAFÃO, 2018, p, 6).

Já questões apresentadas pelo Tavares (2018), mostram que “existem argumentos culturais relacionados com as tradições para justificar estas uniões, sendo vistas pelas meninas como algo que é preciso conservar e de que se orgulham. Em algumas sociedades, uma criança que tem um casamento arranjado desde cedo é bem vista e aceita pela comunidade e, pelo contrário, quando o mesmo não acontece, são marginalizadas e discriminadas” (TAVARES, 2018, p, 11).

Antes de continuarmos com esse debate, é importante apresentar um pouco sobre o país onde se encontra esse grupo social Mansoanca. A Guiné-Bissau, um dos países da África, que tem uma população de cerca de 1,9 milhões. A costa do Oceano Atlântico da Guiné-Bissau é composta pelo arquipélago dos Bijagós, com mais de 80 ilhas. Faz fronteira com o Senegal a

norte e com a Guiné a sul e a leste e, apesar da sua dimensão, acolhe uma grande variedade de grupos étnicos, idiomas e religiões¹.

Além dessa diversidade linguística e religiosa o país também conta com um grupo social aproximadamente dividido a mais de 20 grupos, conforme pontua o censo de (2009), que:

existe entre 20 ou mais grupos étnicos. As etnias com maior expressão na Guiné-Bissau são: Fula 28,5%, que vive essencialmente no leste do país Gabu e Bafatá; Balanta 22,5% da população que se encontra principalmente as regiões sul(Catió) e norte (Oio); Mandinga com 14,7%, no norte do país; papel com 9,1%; Manjaca com 8,3% e outros. Com a expressão mais reduzida encontramos ainda as etnias Biafada (3,5%), Mancanha (3,1%), Bijagó (como o próprio nome indica vive no Arquipélago dos Bi%, Mansoanca, Bijagós e representa da população total; Felupe com 1,7 (1,4%) ou Balanta Mane com 1%. As etnias Nalu, Saracole e Susso representam menos de 1% da população guineense e 2,2% assume não pertencer a qualquer etnia” (GUINÉ-BISSAU, 2015).

Mansoanca é um grupo étnico que vive com predominância na região de Oio norte da Guiné-Bissau, numa pequena cidade chamada Mansoa. Além disso, o grupo ocupa sector Autônomo de Bissau. Cada grupo étnico tem a sua prática cultural, as crenças, as espiritualidades e símbolos que dão sentido a existência do homem e da mulher na comunidade. As práticas culturais, sociais e simbólicas de cada grupo étnico se manifestam através daquilo que a Sociologia chama “instituições sociais”, harmonia e solidariedade. Apesar dessa heterogeneidade, os diferentes grupos comunicam-se através da língua *kriol* (crioula).

Os valores e significados que atribuímos a identidade cultural podem ser entendidos através dos processos ritualísticos que se expressam ou manifestam na comunidade, na vida individual e coletiva, por isso, os ritos são essenciais para entender os símbolos e os valores que as pessoas atribuem a um determinado processo ritualístico, nesse caso, podemos dizer que o casamento tradicional na do povo Mansoanca só pode ser compreendido através dos rituais simbólicos que lhe dão sentidos como uma prática cultural.

Segundo Teixeira (2008), “a partir do momento da proclamação da independência da Guiné-Bissau, o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo-Verde (PAIGC) buscou de uma forma unilateral o reconhecimento internacional do país. Em 10 de Setembro de 1974, após uma grande queda do regime de Salazar, foi que Portugal acabou por reconhecer oficialmente a independência da Guiné-Bissau, que foi a primeira colônia Portuguesa a alcançar a independência na África. Vale salientar que o Brasil foi à primeira nação a reconhecer oficialmente a independência da Guiné-Bissau. Teixeira (2008,p,18).

¹ A informação se encontra aqui <https://www.worldbank.org/pt/country/guineabissau/overview>

Para Betega (2007), uma socióloga da nacionalidade brasileira, nascida em Nova Palmira interior de Caxias do Sul, para ela, a comunidade possui suas peculiaridades que, por certo, determinam as diferenças entre as comunidades ou grupos sociais. Na base disso, pode-se dizer que a compreensão do casamento tradicional de povo Mansoanca exige uma análise particular e não essencialista para não se cair numa análise anacrônica – conceitos ou ideias de uma época para analisar os fatos atuais ou em outros tempos – que pode nos limitar em termos das abordagens sociológicas, históricas ou antropológicas. Por isso, os estudos sobre o fato devem considerar as suas particularidades. No entanto, as inquietações ressurgiram a partir da necessidade da realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do título do grau de Bacharel interdisciplinar em Humanidades.

Com isso, Betega (2007) aduz que “o casamento é uma dessas instituições sociais muito importante e decisiva na vida de cada povo como uma forma de união simbólica, de renovação e de conservação dos valores simbólicos do grupo. O casamento é celebrado como um rito de passagem e faz parte de um patrimônio da cultura que se renova social, cultural, histórica e dialeticamente de geração para geração, visando a manutenção e a reprodução” Betega (2007). A compreensão do casamento Mansoanca deve ser analisada no contexto em que a prática é feita. O deslocamento do lugar pode nos levar a fazer uma análise desconectada com a realidade e como a sociedade Mansoanca a realiza.

Na visão de Bazzan (2014, p.41), no que se refere ao casamento no contexto da África subsaariana, a palavra “casa” significa o momento em que se deve apostar em manter laços com indivíduo, juntar-se com uma pessoa partilhando o mesmo espaço.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

- Analisar os fundamentos filosóficos e princípios estruturantes do sistema cultural que configuram o casamento tradicional do povo Mansoanca na Guiné-Bissau.

2.2 ESPECÍFICOS

- Descrever o processo do casamento tradicional e o rito de passagem de povo Mansoanca;
- Explicar a partir das falas dos/as entrevistados/as os significados e valores atribuídos ao casamento;
- Comparar os princípios e interesses de diferentes gerações sobre o casamento tradicional e os valores a ele atribuídos.

3 PROBLEMA DA PESQUISA

Este tema sugere uma reflexão mais crítica e aprofundada sobre as complexidades dos elementos que configuram o casamento tradicional, pois existe um fundamento epistemológico e filosófico que precisa ser interpretado a partir dos rituais que simbolizam todo o processo que compõe o casamento tradicional do povo Mansoanca.

Apesar das transformações, boa parte das pessoas, ainda vivem na sombra da tradição – como continuidade de doutrinas, costumes, valores, percepções, etc., de um grupo ou comunidade. Assim, a(s) comunidade(s) vive(m), na base da tradição, transmitindo os valores, ritos, costumes – para mencionar alguns – de geração para geração. O casamento tradicional faz parte destes processos ritualistas do povo Mansoanca na Guiné-Bissau. Apesar das transformações e adaptações, o casamento tradicional de povo Mansoanca, ainda continua transmitindo os seus valores tradicionais, apesar de ser enfraquecido por alguns fatores, por exemplo, a Igreja e as mudanças de percepções dos pais.

O casamento tradicional não é reconhecido oficialmente pelo Estado da Guiné-Bissau, pois ele não está em consonância com ordenamento do casamento civil do país. Atualmente, há casos em que as filhas ou os filhos separaram-se das suas famílias por não aceitarem o casamento tradicional ou “o casamento arranjado”. Para tal, indaga-se: quais os valores culturais são atribuídos ao casamento tradicional de povo Mansoanca? Por que não perguntem a menina se quer casar? Por que essa prática persiste ainda, na sociedade guineense? Até que ponto isso facilita os desejos das mulheres?

4 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema deve-se à necessidade de conhecer mais por perto o casamento tradicional do grupo social Mansoanca na Guiné-Bissau. A escolha do grupo deve-se as minhas experiências na comunidade, pois nasci e cresci na cidade de Mansoa – cidade onde vive; o grupo com predominância. Nesta localidade presenciei muitas cerimônias de casamentos tradicionais desse povo, principalmente das pessoas próximas a mim, no caso das minhas amigas, e colegas de infância deixando a escola, por causa do casamento ‘arranjado’, mas não tenho informações suficientes de como ocorrem o processo ritualístico, pois não sou vítima do processo. Assim sendo, pretendo aprofundar e desenvolver como ocorre tradicionalmente o casamento para conhecer a realidade do processo ritual de passagem.

O casamento como um processo ritualístico tem despertado várias discussões/análises. Os processos ritualísticos de passagem (de uma fase para outra), particularmente, o casamento tradicional representa uma multiplicidade de interpretações dos diferentes autores e atores sociais que o reconhece como um rito importante para a reprodução e a manutenção da memória coletiva da comunidade. Nesse sentido, o casamento é atribuído um valor cultural que deve ser compreendido no seu contexto específico, pois não se pode generalizar as nossas conclusões a partir de um estudo particular e, sobretudo, de um grupo étnico. Adiante, no nosso trabalho, os parágrafos seguintes justificam sobre a escolha do tema e a realização desse trabalho e, com isso, as nossas justificativas estão divididas em três partes: a primeira parte refere sobre a escolha do tema, a segunda fala da relevância acadêmica que o trabalho tem e a terceira sobre a sua contribuição e a sua importância para sociedade.

O trabalho é de grande relevância, pois vai me possibilitar a trazer em debate de forma aprofundada sobre o casamento tradicional da etnia Mansoanca. No uso de algumas revisões bibliográficas (livros, teses, dissertações, artigos, etc.) encontrei algumas referências sobre o casamento tradicional na Guiné-Bissau, porém, não encontrei até agora um estudo sobre os Mansoancas na Guiné-Bissau. Assim sendo, penso que é de extrema importância um estudo sobre esses processos ritualísticos dado que pode trazer as informações importantes que poderão ser utilizadas para as futuras pesquisas.

Quando eu digo isso, é porque até agora não encontrei nenhum trabalho que fala do casamento tradicional de povo Mansoanca, o que não quer dizer que não existem trabalhos sobre o casamento tradicional de forma geral. Assim, o trabalho poderá ajudar na fundamentação teórica das pesquisas sobre o tema, especificamente, na área da Antropologia, Sociologia, História, Direito e/ou a Economia. No âmbito social, o trabalho poderá fundamentar

novas concepções sobre o fato e ajudar a sociedade a compreendê-lo com outras roupagens o que poderá ajudar na diminuição dos desentendimentos que, outrora, existem na sociedade e, em termos políticos, o trabalho servirá como uma base da adoção das políticas estatais que permitam o reconhecimento do casamento tradicional no ordenamento jurídico do país, pois uma pessoa casada tradicionalmente, não é reconhecido pelo Estado como uma pessoa casada.

Os Mansoancas têm como base alimentar arroz, peixe, fundo e carne. porém, alimentam-se mais do arroz e fundo do que todos os demais alimentos citados acima. Alimentam-se de arroz e fundo quando há grandes cerimônias na comunidade, como o casamento, o fanado, N'tchintchima e cerimônias fúnebres. O fundo e arroz, por sua vez, é de super importância nas cerimônias Mansoanca, por isso, o cultivam em grande quantidade, e como eles têm por obrigação de tê-lo em casa, para o caso de surgir alguma cerimônia na comunidade.

O povo Mansoanca também fazem criação dos animais, como porco, vaca, pato, galinha etc. Esses animais não são só criados para comer, ou seja, para alimentação da família, mas sim, para vender ou fazer troca como, se eu tivesse uma galinha e preciso de cinco quilo de arroz, posso fazer a troca com uma pessoa. Neste sentido, de acordo com Magno (2017), “anteriormente, assim que a família pedia a mão da mulher em casamento, o rapaz passa a fazer trabalhos voluntários para a família da mulher, dependendo dos anos que ele teve que cumprir. Esse tipo de trabalho, a família da mulher se verifica mais nos lugares onde o pai da menina possui um campo de lavoura, o futuro noivo vai ter que organizar seus colegas para irem cultivar esse campo do sogro” (MAGNO, 2017, p.14).

O casamento tradicional para os Mansoancas é de grande relevância, pois através dele, um homem ou uma mulher se sente “completo” para exercer as funções que são exclusivamente deixadas para as pessoas que cumpriram com o rito. Este fato acaba por ter repercussões positivas, dependendo do contexto e ambiente para quem cumpriu com o ritual e negativo para quem não o cumpriu. Ao realizar o trabalho, acredita-se que terá uma grande relevância acadêmica, social e política.

Em termos acadêmicos, o trabalho poderá servir como uma base bibliográfica para as futuras pesquisas desenvolvidas sobre o assunto, dado que, o assunto em análise não é discutido pela literatura guineense, porque existe uma escassez da produção dos trabalhos de pesquisa nessa área.

Assim, o Estado poderia reconhecê-lo como casamento como os demais casamentos. No entanto, na visão africana-guineense, existem um sistema cultural que opera a partir dos seus princípios estruturantes. Pois, a cultura também contempla a dimensão estática, como elementos

que defina e identidade de um grupo ou povo. Portanto, acreditamos que seria bom contemplá-lo.

5 HIPÓTESE

Partimos do pressuposto de que o casamento tradicional para grupo social Mansoanca não constitui, ou melhor, não significa apenas um ato de matrimônio da união entre duas pessoas, mas sim, uma peça fundamental para sua cultura, pois o casamento é visto como uma forma pelo qual os rituais, as crenças, os valores, os costumes são transmitidas de geração para geração, então uma vez entendido, isso nos ajuda a compreender o porquê que em muitos casos há relatos em que os pais separam das filhas por não aceitarem casar-se de forma tradicional.

Por outro lado, a hipótese que pode ser arrumado sobre essa prática é o valor cultural e respeito atribuído a esse ritual por esse grupo social (Mansoanca), e isso, fez com que em muitos casos a pessoa é forçada a realizar esse casamento como forma de representar a sua cultura e cumprir com os rituais da etnia e quando a pessoa recusa a cumprir com esse ritual os pais não só sentem desrespeitados e não representados como também vendo sua cultura, suas as crenças, seus costumes e valores atribuídos não estão sendo valorizados e respeitados.

De outro modo, a forma como esse grupo social Mansoanca, está apegada a sua cultura, a credibilidade atribuída a ela, o valor que o casamento tradicional possui, crença atribuído nela e os ensinamentos que são transmitidos nesse processo faz com que até hoje, ainda essa prática persiste na sociedade guineense como forma de dar sequência com esse processo e passar os legados deixados pelos seus antepassados e o valor atribuído a questão da representatividade.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

No que diz respeito ao referencial teórico para enfatizar o nosso trabalho trouxemos alguns autores que abordaram sobre o casamento no sentido geral para dialogarmos. Segundo o Robaldo (2016), casamento arranjado “é um tipo de prática cultural vinculada a decisão de casamento tomada em geral pelos pais ou anciões da família, ou seja, é uma prática comum quase em toda sociedade humana, mas a forma como se dá, depende da forma como cada sociedade é organizada. De acordo com Cá, “o casamento é o contrato celebrado entre duas pessoas de sexo diferente que pretendem construir legitimamente a família mediante uma

comunhão de vida, ou seja, consentimento dos cônjuges” (CÁ, 2016, p.23). No contexto africano, Sobonfu Somé (2007) vai falando que “o casamento não é um assunto privado, porque ele não representa apenas dois indivíduos se unindo. Segundo ela, quando um casal se casa, é uma ocasião para outras pessoas renovarem os seus votos” (idem, 2007, p.86).

A definição que temos do casamento é conhecida como a definição europeia e cristã, que toma o casamento como um laço entre homem e mulher, que decidem partilhar juntos os seus mundos de uma forma harmoniosa. O conceito casamento que muitos têm na Guiné-Bissau, ainda está atrelada à epistemologia ocidental de como tudo deve funcionar, que segundo a autora é modelo totalmente individualista que não é sustentada no espírito coletivo. Ao contrário dessa cosmovisão visão ocidental, a cultura africana é sustentada a partir do coletivo e espírito da intimidade que envolve toda comunidade. Ou melhor, as decisões são tomadas na base do conselho dos anciões.

Atualmente, na Guiné-Bissau existe três modalidades do casamento, que são: casamento civil que é feito no Cartório; casamento religioso que é feito nas Igrejas e por último, o casamento Tradicional que é feito nas aldeias por diferentes grupos sociais que compõem a nossa nação, como já abordamos no referencial teórico do trabalho.

Antes da metodologia do nosso trabalho, vamos explicar como ocorre esse processo de casamento desse grupo social Mansoanca. Segundo o Marcelino Quecuto Indjai² (meu pai), argumenta que quando um rapaz gosta de uma menina e quer casar-se com ela, primeiramente, o pai do rapaz vai ao encontro com os vizinhos, pendendo-lhes para acompanharem a casa dos pais da menina, para pedir a mão da sua filha, esse processo dura muitos anos, porque começa desde a infância da menina, depois a família da noiva pede para o pai do noivo trazer dinheiro depende do valor pode variar de 30 mil a 50 mil fcfa³ ou mais; esse dinheiro é entregue a mãe da noiva e a avó da noiva, os familiares do rapaz regressam a fim de começar os preparativos para o casamento baseando nas propostas feitas por familiares da menina, todos esses encontros são acompanhados com as bêbedas típicas da Guiné-Bissau, como: vinho palmo, cana bordão, vinho tinto etc.

Todo esse processo ocorre sem informar a menina das suas verdadeiras intenções, quando os pais estiveram conversados sobre casamento, o pai do noivo começa logo a levar bebidas alcoólicas 3 (três) vezes, pode ser de 3 em 3 semanas ou em cada mês, isso depende dos pais, a última vez é para decidir em que dia vão buscar a noiva, tudo na base do sigilo,

² Esta informação foi obtida através de uma entrevista que o meu pai fez na comunidade ou tabanca chamada N’kitná, Luanda, no sector de Mansoa, região do Oio, norte do país.

³ É moeda oficial da Guiné-Bissau, que é usada por vários países da Costa Ocidental da África

quando chega a data combinada do casamento o pai da noiva, comunica toda comunidade (tabanca) para comemorar o casamento da filha, e autoriza o noivo a vir buscar a sua mulher, o noivo por sua vez, chama todos os seus amigos para irem buscar a noiva, acompanhados com um cabrito e bêbedas.

Para levar a noiva não é uma coisa fácil, quando chegam à casa da noiva pegam ela no braço, não importa como ela se encontrava no momento, se ela estava sem roupa, dormindo, comendo, tomando banho, só sabem que vão levá-la, a família da noiva, porém fazem um “conflito” com o noivo e os amigos. Bem, não é um conflito real é só uma assimilação para demonstrar ao noivo o valor que aquela mulher tem e, para isso, não poderiam levá-la facilmente.

Ao chegarem a casa do marido, a noiva vai ter uma madrinha (lambé) a pessoa que vai ser a auxiliar e conselheira dela, durante as primeiras semanas do casamento, e ela não pode sair sozinha sem ser acompanhada pela madrinha, também a madrinha vai servir de conselheira do casal na base disso, Cá (2016), salienta que:

baseando-se no casamento da Antiguidade hebraica, de acordo com as tradições de usos e costumes, a cerimônia do casamento seria feito assim: os noivados ocorreriam um ano ou mais antes de chegar o dia das bodas. Durante o noivado a família de noiva reúne-se com algumas pessoas que não eram membros da família. Essas pessoas servem de testemunhas; nesse caso se acontecer algo de errado depois do casamento entre noiva e noivo eles vão confirmar tudo o que os familiares diziam durante a reunião do casamento entre os dois” (CÁ, 2016, p.21).

A comemoração continua na casa do marido, a família do noivo faz um ritual para vestir a noiva e raspar todo cabelo na cabeça dela. Também, essa comemoração é para apresentar a noiva para toda comunidade. Nessa cerimônia a noiva recebe vários presentes da família, vizinhos e amigos do marido, principalmente conselho dos anciões da aldeia, (tabanca). O Sobonfu (2007), enfatiza essa troca como símbolo da intimidade e de acolhimento, descreve que “na África a troca de presentes antes do casamento. Esse aspecto da cultura africana é normalmente mal compreendido no ocidente. Muitas pessoas veem isso, como uma venda da noiva”, Somé (2007, p.89).

Cheikh (2014), reforça que” o facto de subordinar herança da rapariga à necessidade de lhe conceder um dote no momento do seu casamento coloca-nos, assim na presença de um regime patriarcal em pleno vigor, no qual a mulher deve compensar a sua inferioridade com o contributo de um dote ao seu marido”. “Por tanto, é para satisfazer esta exigência imperiosa de dotar as raparigas em todas as sociedades indo-europeias, a exigência que levava, por vezes, a suprimi-las ou livrar-se delas através da venda, que parece ter levado ao acordo de trégua de um legado, uma herança que lhe possa servir de dote”. DIOP (idem,2014, p.127).

O casamento do grupo social Mansoanca normalmente acontece entre duas pessoas, neste caso referendo pessoas heterossexuais desde já que sejam vontade de ambas querendo formar uma família, mesmo assim, continuam a fazer de uma certa sociedade e sobre a questão da classe social dos casais isso, depende da situação de cada um, ou seja, não significa que só pode casar pessoas que tem as mesmas condições de vida. Porém as Mansoanca, parece que se preocupam mais com as alianças entre famílias. Com a honra social, nas tradições Masoancas, as vezes nem se preocupam com a opinião dos pares, o que importa é só o ritual, mesmo que os casais não concordam, só pelo respeito aos mais velhos.

7 METODOLOGIA

No que concerne a metodologia, percorremos diferentes vias para que possamos atingirmos os nossos objetivos traçados no trabalho, e com isso, recorremos à pesquisa do tipo bibliográfica, que é um tipo de pesquisa que permite o pesquisador ter acesso e contato com os materiais já analisados, aprovados e publicados nos sites. Então, nesse optamos por bem utilizar essa pesquisa como forma de tornar o nosso trabalho mais verídico e utilizar essas referências como forma de darmos embasamentos aos nossos argumentos, e em conformidade disso Fonseca (2002), afirma que a pesquisa bibliográfica:

[...] “é um tipo de pesquisa que é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta” (FONSECA, 2002, p.31).

Como salienta o próprio Fonseca (2002), que qualquer trabalho possui a pesquisa bibliográfica, por isso, utilizamos essa pesquisa porque vamos utilizar algumas referências teóricas já analisadas e publicadas com os conhecimentos prévios sobre o assunto no qual pretendemos pesquisar.

Além disso, por outro lado, tendo em conta o momento atual em que nos encontra no nosso trabalho utilizaremos como a técnica para coletas das informações junto dos nossos entrevistados a entrevista através de questionário, que segundo Chaer et al (2011), “a pesquisa através de questionário pode ser definido como a técnica de investigação composta por um

número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (GIL, *apud* CHAER et al, 2011, p. 260). Por outro lado, para além dessa vantagem em que as questões são apresentadas aos entrevistados por escrito, essa técnica também permite com que o pesquisador colete as informações independentemente do país em que se encontra como salientam os próprios autores:

que as vantagens dessa pesquisa é que possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio; implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores; garante o anonimato das respostas; permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente; não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado (GIL, *apud* CHAER et al , 2011, p. 260).

Entendemos por bem a utilizar essa técnica para coleta das informações para o nosso trabalho como forma de deixar os nossos entrevistados mais à vontade e evitar as possíveis influências sobre suas respostas, além dessa, vantagem de não influências sobre as respostas dos entrevistados também permite com que as entrevistas sejam realizados além do local que entrevistador se encontra.

Basicamente, no nosso trabalho também utilizamos a pesquisa de viés exploratória como forma de podermos construir hipóteses sobre o trabalho, pois segundo Silveira e Córdova (2009), “essa é um tipo de pesquisa que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torna-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: levantamento bibliográfico entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão” (GIL, *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 35).

8 GRONOGRAMA DE TRABALHO

Atividades	2023.1	2023.2	2024.1	2024.2
Reestruturação do projeto	XXX			
Coleta de dados			XXX	
Revisão Bibliografica		XXX		
Digitação de Dados				XXX
Análise de Dados		XXX		
Eleaboração da Escrita		XXX		
Defesa de TCC				

REFERÊNCIAS

- BETTEGA, Maria Lúcia. **O casamento como manifestação de uma cultura: o caso de Nova Palmira**. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007. Disponível em: « <https://bit.ly/3dlbl9U> ». Acesso em 28 de nov. de 2021.
- CÁ, Edneusa Diamantino. **Casamento da etnia Papel na Guiné-Bissau**. 2016.
- CHAER. Galdino; DINIZ. Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO. Elisa Antônia. **A técnica do questionário na pesquisa educacional**. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.
- DA FONSECA, João José Saraiva. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. João José Saraiva da Fonseca, 2002.
- DIOP, Cheikh Anta. **A unidade cultural da África negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica**. Edições Pedagogo, 20014.
- GARRAFÃO, Yolanda Victor Monteiro; SUBUHANA, Carlos. **O casamento tradicional na Guiné-Bissau: o K'mari na etnia Papel**. **Revista África e Africanidades**, v. 11, n. 26, 2018.
- GUINÉ-BISSAU. **Secretaria de estado do ambiente**. Estratégia nacional de comunicação em matéria de intercâmbio de informações sobre a biodiversidade 2015-2020. Bissau, 2015. Disponível em: « <https://bit.ly/3plrfqy> ». Acesso em: 03 de dez. de 2021.
- MANGO, Aldair Alberto. **Casamento da etnia Papel na Guiné-Bissau: celebração de um pacto entre duas pessoas ou duas famílias**. 2017.
- ROBALDO, Ardjana Ghislaine Francisca Lacerda. **R629 Mara kasamente: a tradição de casamento arranjado nas etnias Balanta e Mandiga na Guiné-Bissau**- 2016.
- SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. **São Paulo: Odysseus**, 2007.
- TAVARES, Yacine Henriques. **Prática do casamento forçado e precoce na Guiné-Bissau: uma aproximação desde a etnia Fula**. 2018.
- TEIXEIRA, Ricardino Dumas Jacinto. **Sociedade civil democretização na Guiné-Bissau**. 1994-2006. /2008.

ANEXOS

Figura 1 - Fonte Marcelino Quecuto Indjai



Figura 2 - Marcelino Quecuto Indja



A foto foi feita pelo meu pai Marcelino Quecuto Indjai, na cidade de Mansoa. A pessoa na foto não é casada tradicionalmente, porém, fizemos essa foto para demonstrar como se veste a noiva quando está casada, elas usam tecido branco no peito e outra cor na cintura. Antigamente, as noivas andavam descalço, mas agora, com as mudanças de percepção dos pais das novas transformações, elas usam sandálias.
